

sa nessa ocasião, com o dinheiro no bolso, fazer o que desejava o Deputado Bilac Pinto, estabelecer concorrência.

O SR. ARTUR VIRGÍLIO — ... para que os navios cheguem aos nossos portos levando o abastecimento de que precisamos e trazendo a nossa produção, a fim de estimular o nosso desenvolvimento econômico. (*Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é cumprimentado*).

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. Coutinho Cavalcante para uma explicação pessoal.

O SR. COUTINHO CAVALCANTE (*Para explicação pessoal*) * — Senhor Presidente e Srs. Deputados, ainda hoje nesta Casa o ilustre Deputado Paulo de Tarso se referia a problemas de ordem internacional, tais como o que se apresenta em relação à zona do Caribe, as Ilhas das Caraíbas, e o que se pensa deva ser feito para estabelecer critério de vida para as populações da América Latina. Nunca imaginei fôsse necessário tivéssemos de pedir a outras nações permissão para subsistir em nossa vida de países libertos politicamente, mas presos e afogados economicamente como é o caso de todos os países da América Latina, em particular da América Central. Sem dúvida alguma para não me referir a outros, o nosso próprio está prêso, sujeito, subjugado a compromissos e estabelecimentos de normas de vida feitas pelo Departamento de Estado Americano que estabelece inclusive, na Organização das Nações Unidas quando e como um dos países membros deve votar. Chegamos ao aspecto tristonho e confrangedor de uma pequena ilha, como a Ilha Formosa, representar na ONU um voto, uma potência, quando esse mesmo voto e essa mesma condição de potência são negados à China Continental, com 700 milhões de habitantes.

* Não foi revisto pelo orador.

(Lê:)

Sr. Presidente, Srs. Deputados, representar o povo é falar em seu nome com a sua própria linguagem, traduzindo seus pensamentos, na discussão dos seus problemas, sentindo seus anseios e assumindo sua preocupações. Nada mais insensato — e porque não dizer desonesto — que o deliberado por vêzes, por vêzes em flagrante divórcio das questões da ordem do dia dos representantes do povo e a ordem do dia em questão do próprio povo. Quem recebe um mandato eletivo, a rigor, não tem direito a problemas próprios, a opiniões particulares, a convicções pessoais, a não ser que abdique irreparavelmente da dignidade e da honra que lhe fôr conferida de falar em nome de um grupo, de uma classe, de um povo do qual é, apenas, humilde porta-voz.

O ponto de vista de um povo é evidente. Difícil se torna escamoteá-lo. Difícil é mascarar-lo, escondê-lo, omiti-lo por razões que com êle se chocam, porque o ponto de vista de um povo, é um ponto de vista evidente. Ele está nas ruas, nas fábricas, nos cafés, nos lares, nas conversas de esquina, nos eitos das lavouras. Ele está no cumprimento amável das pessoas, a cada novo dia: — “então, o que há de novo?” E o que há de novo é aquilo que os preocupa, aquilo que os interessa e os comove. Não a um particularmente, mas a todos, porque só isto pode ser transmitido, porque só isto é novo, porque só isto é comum. E sendo comum, é difícil escondê-lo. Dai o malabarismo, a retórica e o pseudo caráter transcendental dos assuntos, que, aqui, por vêzes, se discutem.

Desejo, porém ser menos audacioso. Não me preocupam os problemas transcendentais, nem os assuntos universais. Escolho o tom singelo e as questões de esquina, populares — e a revolução cubana é assunto popular. Será por certo, assunto controvertido, questão

aberta, problema apaixonante; mas não será uma preocupação pessoal, porque só o que é povo é apaixonante — e a revolução cubana apaixonou. Sr. Presidente, Senhores Deputados, como representante do povo trago novamente a esta Casa a Revolução Cubana.

Em 18 de novembro de 1959 no Palácio dos Trabalhadores, em Cuba, o Dr. Fidel Castro, no ato de abertura do X Congresso da Confederação dos Trabalhadores Cubanos, disse: "E estas são as coisas que os operários têm que ver claras, que os camponeses têm que ver claras, os estudantes e os homens e mulheres da classe média que compreendem a hora gloriosa de sua pátria e o esforço patriótico que se está realizando, essas são as coisas que vocês têm que ver claras, porque aqui o problema é ver claro e compreender que é necessário pensar como operários acima de tudo; que é necessário pensar como camponeses acima de tudo; que é necessário pensar como cubanos acima de tudo".

A insistência de Fidel Castro é educativa. Sr. Presidente, Senhores Deputados, é necessário ver claro na Revolução Cubana. É necessário que se esclareça definitivamente — que é a revolução cubana, o que significa e, principalmente, o que temos nós, brasileiros, a ver com a revolução cubana. Não é uma revolução comum, semelhante àquelas inúmeras que já se desenrolaram na América Latina. Esta é uma revolução que não tem apenas desafetos, mas traidores; que não encontra apenas opiniões divergentes, mas inimigos armados e dispostos. E se além de descontentes — o que é natural em situações críticas — ela produz também traidores, como Emilio Nunes Portuondo, que prega a intervenção estrangeira em sua pátria, é porque é grave. E se além da condenação passiva dos estranhos — o que é também natural em qualquer tomada de posição — ela produz inimigos dispostos a destrui-

-la, como o atesta a sabotagem que fez explodir o barco "La Coubre", no porto de Havana, é porque é poderosa, é por que interesses gigantes foram abalados, profundamente abalados. A revolução cubana é grave e poderosa porque é diferente; e a sua diferença está em que uma revolução do povo, feita pelo povo e feita para o povo. A sua diferença está em que, ao contrário das revoluções comuns na América Latina, em que se substitua no poder um grupo por outro grupo, uma camarilha por outra camarilha, sem que se alterasse com isso as estruturas e as instituições sociais e econômicas, a revolução cubana de Fidel Castro é uma revolução na estrutura mesma da sociedade. As outras sempre foram mera mudança de pessoas freqüentemente por motivos morais em face da descabida corrupção, permanecendo intactas as estruturas sócio-econômicas do país. A revolução cubana atual é diferente. Compreenderam os cubanos e compreenderam a tempo que a troca de homens sem troca corresponde nas estruturas básicas da sociedade, significa apenas uma alteração nos grupos que exploram o povo e que continuarão a explorá-lo, apoiados em um sistema econômico e social intocado. As revoluções latinas sempre foram a bem dizer, brigas de família em torno de herança vultosa. E por isso, exclusivamente por isso, o povo sempre permaneceu indiferente.

Hoje, em Cuba, algo de novo se está desenrolando. Não são apenas os homens que mudam mas é a própria fisionomia da sociedade que se altera se de um lado está em decomposição a velha e secular estrutura de monocultura latifundiária, oferecendo o espetáculo de algo podre que se desfaz, existe, por outro lado, o afã da industrialização, a repartição equânime da terra, o plantio e a colheita que não é só de gêneros, mas, sobretudo, de esperança. E este é o lado nascente da revolução, seu lado mais

profundamente significativo: a mudança radical de uma estrutura agrária alienada. E por isso a revolução cubana é grave.

Mas, Sr. Presidente, quem Senhores Deputados, poderia realizá-la? Quem estaria economicamente descomprometido com a estrutura latifundiária, feudal, para renegá-la? Quem seria bastante puro, moralmente intocado, senão o próprio povo para levar a cabo essa revolução? E que povo é esse fundamentalmente senão os operários e os camponeses, ou seja, os escravizados por uma situação de injustiça e crueldade da qual não desejam conservar memória? A revolução cubana é como é porque é uma revolução do povo, do operário e do camponês. E por isso a revolução cubana é poderosa.

O SR. PRESIDENTE (*Nestor Jost, 2.º Vice*) — Lamento informar ao nobre colega, na forma do Regimento, não havendo vinte Deputados no recinto, devemos levantar a sessão. Sugiro que Vossa Excelência entregue à Taquígrafia o seu discurso para ser publicado na íntegra.

O SR. COUTINHO CAVALCANTE — Embora possa, encaminhar meu discurso à Taquígrafia, para publicação, desejo que V. Exa., Senhor Presidente, me assegure, na sessão de amanhã, mais algum tempo para continuar minhas considerações.

O SR. PRESIDENTE — De acordo com o Regimento V. Exa. terá o direito de requerer a palavra, em explicação pessoal.

O SR. COUTINHO CAVALCANTE — Sr. Presidente, espero que, com base em minhas modestas palavras de hoje e de amanhã, os Senhores Deputados e o povo brasileiro tomem conhecimento do que se processa na política sul-americana, em toda a América do Sul, melhor dito, em todos os países subdesenvolvidos do mundo, para que, quando se apresentar situação semelhante à do povo cubano, não

aconteça — como certamente vai acontecer — que, os povos fiquem iludidos com a atuação do Governo americano com respeito a São Domingos e Nicarágua, que pretendem, neste instante, fazer um arremedo de intervenção para que daí possa decorrer, também, uma outra, mais grave, junto ao Governo de Havana, junto ao povo cubano que luta pela sua independência e autodeterminação.

Srs. Deputados, não devo mais amolá-los. Peço, entretanto, aos Deputados presentes e aos que porventura lerem amanhã o "Diário do Congresso", passem os olhos sobre as palavras que eu pretendia expor à Câmara dos Deputados e ao povo brasileiro. (*Muito bem; muito bem. Palmas*).

PARTE FINAL DO DISCURSO DO SR. DEPUTADO COUTINHO CAVALCANTE, QUE SE PUBLICA COM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO

Senhor Presidente, nobres Deputados, a revolução cubana é grave sim, e poderosa também, sobretudo, é uma revolução irmã. A sua luta é uma luta que nos toca de perto porque é contra um inimigo que também nos ameaça, aquele mesmo que aparece a todos os povos que têm a audácia de desejarem um futuro, sem miséria, sem doença, sem exploração.

A propósito, Sr. Presidente e Senhores Deputados, é oportuno, agora, depois de passados quatro meses da ruidosamente anunciada visita do Presidente Eisenhower à América, que analisemos os resultados desta viagem.

E' sabido que entre os Estados Unidos da América e os seus vizinhos no sul do continente americano existem sérias divergências principalmente de ordem econômica, poder-se-ia, então esperar que a visita do primeiro mandatário desse país trouxesse soluções ou pelo menos propostas para solução desses problemas. Só para dar mais evidência, menciono aqui os

dois problemas mais gritantes: estabilização dos preços das matérias-primas e combate ao subdesenvolvimento, não só com palavras mas, também, com fatos concretos e que daí resultasse firme apoio à execução da Operação Pan-Americana.

Os países da América Latina certamente mereceriam maior atenção da parte dos círculos dirigentes dos EUA, porque, por exemplo, somente no volume do comércio exterior estadunidense, a América Latina ocupa o segundo lugar, logo depois da Europa Ocidental. Só na exportação de automóveis norte-americanos, 45% são absorvidos pelo mercado latino-americano.

Também os investidores norte-americanos encontram na América Latina campo livre para suas incontáveis atividades. Basta dizer que, segundo o subsecretário de Estado Roy Rubotton (The Statist, março 1960) os investimentos privados norte-americanos, na América Latina, atingiram já 9 bilhões de dólares e seguem crescendo na medida de 600 milhões por ano — montante não igualado em outras partes do mundo. Isto quer dizer, que as condições encontradas na América Latina e indubitavelmente a percentagem de lucro, são mais favoráveis na América Latina que em qualquer parte do mundo.

Poder-se-ia esperar que os EUA, que encontraram tão boas condições para multiplicar seu dinheiro, também dessem maior assistência e ajuda a estes países. Mas de toda a ajuda norte-americana de post-guerra somente 4% foram dirigidas ao centro e sul deste hemisfério e esta ajuda ainda está destinada à pesquisa de minérios, petróleo, fotografiação dos territórios desses países, enfim atividades que poderão ser úteis, em primeiro lugar, aos mesmos Estados Unidos, aos investigadores norte-americanos a fim de saberem onde empregar mais vantajosamente

seu dinheiro, pois é a indústria de extração, transportes e energia elétrica, onde se está concentrando o capital estadunidense. Com isto ajudam, assim, ainda mais, a deformar as economias nacionais já tão desfiguradas pela monocultura e pela orientação dirigida para a exportação de matérias-primas.

Ao levar os países latino-americanos os seus produtos ao mercado externo, encontram uma série de dificuldades na sua colocação principalmente de parte do seu lógico principal comprador que são os EUA. Os preços das matérias-primas nos mercados sob a exclusiva influência dos EUA estão caindo mais e mais, assim é que a América Latina, mesmo exportando cada vez maior volume de mercadoria, recebe menos em dinheiro. Por exemplo, desde 1953 até 1958, caíram os preços do café em 17%, do petróleo também em 17%, dos metais não ferrosos em 35% etc. Por outro lado, os preços dos produtos norte-americanos que encontram mercado na América Latina se mantêm no mesmo nível ou até com tendências de subirem. Esta situação na qual inevitavelmente o governo do EUA poderia exercer influência para atenuar, pelo menos, as diferenças entre produtores de matérias-primas da América Latina e os seus compradores nos EUA, originou a crônica crise da venda das matérias-primas e produtos agrícolas latino-americanos, que influi diretamente na aguda crise financeira pela qual passa atualmente a maioria dos países desse hemisfério.

Nós perguntamos, agora, se foram estes problemas e o desejo de solucioná-los que levaram o Presidente dos EUA a visitar os seus vizinhos do sul deste continente, ou então quando foi que o Presidente dos EUA começou a se preocupar com o "back ground" dos EUA, neste continente? E respondemos: foi, sem sombra de dúvida, o fla-

grante fracasso da viagem do vice-presidente Nixon que chegou até a ser apedrejado em alguns países da América Latina, a corajosa posição do governo revolucionário de Cuba desmascarando o imperialismo norte-americano, e, como último, mas certamente não menos importante, a tendência dos países latino-americanos de procurar nos países europeus a compreensão para resolver seus problemas econômicos, que não encontraram nos EUA.

Aqui, preciso destacar, é o comércio com os países do campo socialista que não deixa os norte-americanos dormir tranquilos. Embora muito pequeno ainda — uns 2% do volume total do comércio exterior latino-americano — é um perigo potencial que rapidamente pode atingir proporções que os EUA nunca pensaram deixar permitir. A surpresa que causou nos EUA o acôrdo entre Cuba e a URSS testemunha isso mais que eficientemente. Neste momento, foi de repente anunciada a visita do Presidente Eisenhower a quatro países latino-americanos. Não precisa ser muito esperto para advinhar que não foram as boas relações existentes entre os nossos países, que levaram o alto mandatário da grande nação do norte, depois de 32 anos, para visitar o Brasil e outros países, senão o contrário. Isto também não quer dizer, que o Presidente chegou aqui para discutir os problemas que interessam vivamente os governos latino-americanos. Nem o tempo da sua rapidíssima visita o permitiria. Basta dizer que no Brasil passou o Presidente Ike menos tempo que na base militar norte-americana, Ramey em Porto Rico.

Os discursos e as declarações feitas durante a viagem do Presidente estadunidense referem-se em termos gerais à amizade e solidariedade continental, mas não contém nada positivo sobre a possível solução dos problemas que tanto pesam sobre os países da América

Latina, especialmente sobre as suas economias. Ao contrário, sempre, quando teve oportunidade, o presidente Eisenhower declarava que os EUA nada mudarão na sua política econômica atual. Mesmo falando sobre a Operação Panamericana, tão altamente estimada nos nossos círculos governamentais, o Presidente Eisenhower repetiu somente aquilo que lhe tinham preparado para dizer, pois não é segredo, que em conversa pessoal com o Presidente Kubitschek, o Presidente dos EUA revelou total ignorância, quanto aos objetivos desta Operação.

Então, não discutindo nem tentando resolver os problemas das Repúblicas latino-americanas, não anunciando concretamente em que estaria baseada a revisão da política para com a América Latina, anunciada depois do fracasso da viagem do Vice-Presidente Nixon a estes países, podemos concluir que o único objetivo da visita do Presidente Eisenhower era manifestar, ante os olhos do mundo, o exclusivo monopólio dos EUA sobre os seus parentes pobres, ao sul do Rio Grande.

Como, claramente se expressou a imprensa estadunidense, fomos, nós, submetidos a um tratamento psicológico dos "sorrisos simpáticos" de Ike. Devemos afirmar que este método não deu resultado, porque os graves problemas econômicos continuam intactos, isto é, sem ao menos tentativa de solução. A visita do Presidente Eisenhower demonstrou claramente a incapacidade e pouca vontade dos EUA em resolver os problemas deste continente, o que deve nos forçar a nos tornarmos ainda mais independentes da sua esfera de ação.

Como vêem, Sr. Presidente, senhores Deputados, não é sem razão quando afirmamos ser uma luta difícil a da revolução cubana. Não lhe faltam as calúnias, as ameaças, a contrapropaganda, a imprensa venal, como recente-

mente demonstrou na Associação Brasileira de Imprensa, o Presidente de Cuba. E para afastarmos qualquer dúvida de suspeição em suas palavras, o próprio Vice-Presidente Nixon é quem declara aos jornalistas, em Houston, que os EUA "têm o poder militar como econômico para forçar o governo de Cuba a pôr-se de joelhos", porém, acrescentou, "todos os países da América Latina nos observam e seria um erro demasiado pressionar Cuba". E conclui o Vice-Presidente, dizendo "que a política do seu governo para com Fidel Castro é "cada vez mais dura", e que o será, ainda mais, quando os países latino-americanos se dispuserem a apoiá-la. E num revide a essa afronta que fere fundamentalmente direitos internacionais, no seio das nações que lutam pela sua soberania, e pela preservação de seus recursos nacionais, é que Rômulo Betancourt, Presidente da Venezuela, oferece-se para chefiar um movimento continental, no sentido que as Nações Latino-americanas avalizem os bônus governamentais emitidos pelo governo de Fidel Castro a fim de pagar as expropriações que realiza.

A revolução cubana, Sr. Presidente, Srs. Deputados, é uma luta árdua como é a luta de todos os povos subdesenvolvidos do mundo aos quais se junta, nesta hora, o Brasil. Por isso, a revolução cubana é uma revolução irmã. A nós também não faltam as ameaças, as calúnias e a imprensa venal. E a quem aproveita tudo isso? — é necessário perguntar. E' preciso que tenhamos a coragem de perguntar, como os cubanos a tiveram, como os asiáticos a tiveram, como os africanos a tiveram. Porque a resposta é sempre a mesma, porque o explorador é sempre o mesmo, porque a luta é sempre a mesma.

Quando tivermos a coragem de perguntar e, acima de tudo, quando tivermos a coragem de responder, a batalha estará ganha. Quan-

do não formos mais capazes de contemporizar, de enganarmos a nós mesmos e ao povo brasileiro, quando o camponês e o operário virem claro, quando os estudantes virem claro, e os homens e as mulheres, que não têm privilégios a defender, virem claro, então, nesse momento exato, nós lutaremos quando e onde nos impuserem que lutemos, porque não seremos nós que desejaremos a luta, como não é Cuba que a deseja. Não é Cuba que deseja empregar homens e esforços, trabalho e energia em uma luta estúpida, quando há hospitais para serem construídos; quando há escolas para serem erguidas; quando há uma nação para ser levantada. Mas o inimigo é desumano, ameaça e ataca, e é necessário defender o direito de trabalhar, o direito de saber e de ser livre. Como nós defenderemos o direito de ser livre e trabalhar ao nos ameaçarem.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, quando respondermos corajosamente a nossa questão, lutaremos como Cuba. Que não nos falte ao menos agora, nesta hora decisiva, a coragem de lutar com ela.

O SR. PRESIDENTE — Vou levantar a sessão.

Deixam de comparecer os Senhores:

Ranieri Mazzilli.
Sérgio Magalhães.
José Bonifácio.
Neiva Moreira.
Armando Rollemberg.
Ari Pitombo.
Geraldo Guedes.

Amazonas:

Jaime Araújo — UDN.
Wilson Calmon — PSD.

Pará:

Armando Carneiro — PSD.
Armando Corrêa — PSD.